

Quando a professora Cristina Escaja me fez o convite para vir aqui falar, disse para eu partilhar um pouco da minha experiência. Sinceramente, acho que não tive nenhuma experiência transcendental (ainda) que desse um grande tema para um grande discurso, por isso vou falar de algumas coisas que fui aprendendo – e tenho quase a certeza que não era exactamente isto que a professora queria, mas agora é isto que vai ter de ouvir. Achei que poderia ser engraçado partir de uma história, verídica e que faz parte do meu percurso académico, e que me parece ser uma excelente pedra-de-toque para aquilo que eu quero dizer aqui hoje.

Estava eu no meu quinto ano e um dos meus professores elaborou com a turma um pequeno exercício que acho muitíssimo saudável e que recomendo vivamente. Ele pediu para que, cada um de nós, alunos, dissesse qual o nosso maior medo. Ora, nós tínhamos à volta de 10 anos e, obviamente, não compreendemos todo o alcance do exercício, mas percebemos o suficiente para entendermos a suposta conclusão: que o ser humano tem medo – isso é-lhe intrínseco e natural e que, como o professor disse na altura, a única coisa de que realmente devemos ter medo é da ausência de medo. E nem ele nem eu estamos sequer a referir-nos ao perigoso que isso é em termos políticos e sociais, estou-me a ficar por um nível bem mais primitivo: estou a falar do medo no nosso contacto diário com o mundo, connosco e com os outros.

Lembro-me que algumas das respostas foram medo da morte, medo de alturas ou medo de pássaros. Eu respondi que o meu maior medo era que Auschwitz se repetisse, mas não especificamente contra os judeus. O que me fazia imensa confusão na altura, e ainda hoje me faz, era a súbita prisão daqueles que já haviam conhecido a liberdade. Nunca fui daquelas que acha que os que foram toda a vida escravos ou miseráveis sofrem menos, porque nunca conheceram outra coisa. Porém, o facto de eu sempre ter vivido num espaço que considero, histórica e pessoalmente, livre e de existir a possibilidade de, de repente, alguém, sem autoridade absolutamente nenhuma, me vir tirar esse espaço, fez-me identificar com os judeus perseguidos pelo nazismo e enchia-me, e ainda me enche, de medo. Disse Auschwitz como podia ter referido os Gulag soviéticos, ou o genocídio no Ruanda, ou a escravatura em geral, ou tantas outras – e, infelizmente, são muitas por onde podemos escolher. Mas foi Auschwitz que, na altura, me tocou, que me prendeu e que me iniciou neste não tão admirável mundo velho que é a tentação opressora a que nós, como espécie, não conseguimos resistir. De certa maneira, foi a partir dali que nasceu o meu interesse pelo estudo e descoberta dos mecanismos e origens do totalitarismo.

Anos mais tarde, quando descobri Primo Levi, um grande homem e um dos poucos sobreviventes a Auschwitz, percebi realmente o que era o meu medo. Na sua obra-prima, “*Se isto é um homem*”, um relato absolutamente esmagador e lúcido do campo, Primo Levi questiona-se se aquilo que ele e os outros eram no campo era, de facto, humanidade. Ele argumenta que não; que aquilo não é um homem, é antes uma besta, porque aquilo que precisamente caracteriza e assusta acerca deste terrível capítulo histórico é a desumanização que impõe às suas vítimas; desumanização que decorre da perda de algo central: a perda da dignidade humana. E foi aqui que eu descobri que aquilo que eu realmente temia e temo é, afinal de contas, a perda da dignidade. E é dela que vos quero falar um pouco.

Dignidade: o que há de tão importante acerca dela é o facto de não poder ser refutada. Podemos discutir e contrapor culturas, estilos e modos de vida, modelos socioeconómicos, família, valores, educação e até liberdade e democracia. Tudo isso é refutável. Mas a dignidade, como respeito básico e direitos mínimos com que todo o ser humano, porque tem valor, porque a sua vida, as suas experiências, sentimentos e pensamentos têm valor, merece ser tratado é muitíssimo difícil de refutar. Perguntem a quem quiserem, em qualquer parte do mundo, qualquer que seja a sua classe social, posição económica, cultura ou visão do mundo qual é a única coisa da qual não abdicam e a resposta será, ou terá por trás, a sua dignidade.

E porque estou eu aqui a falar de dignidade quando deveria estar a dizer alguma coisa que se relacionasse minimamente com educação? Como algo primordial para todos nós, a dignidade deve ser defendida. E eu acredito que existem diversas, diria mesmo infinitas, maneiras e possibilidades de salvaguardar esta dignidade humana.

Uma delas é o amor: eu vejo o amor, na sua vertente menos possessiva e mais elementar, como uma forma de dignificar o outro, de nos dignificarmos a nós mesmos e de dignificar todo o sofrimento que já sentimos, e que os que vieram antes de nós já sentiram. Vou tentar explicar melhor o meu ponto. Eu gosto muito de *blues*, o género musical. E o que mais me fascina acerca do *blues* é o modo como ele emergiu do profundo sofrimento dos escravos negros americanos, que se iam dignificando e refugiando em cânticos e gritos espirituais. A beleza do *blues* é como o ser humano, a partir de uma dor incalculável e inimaginável, consegue criar algo lindíssimo e maior que ele próprio, consegue fazer arte e, finalmente, consegue criar algo que, à medida que foi evoluindo, esteve na base de tantas outras formas artísticas como o *jazz*, o *soul* ou *rock 'n roll*. O que eu queria dizer com tudo isto é o seguinte: eu vejo o amor um pouco como um *blues*, que vai dignificando a vida e a História e, ao mesmo tempo, tem o poder de criar algo maior que todos nós. Mas passando à frente.

Outra das formas mais essenciais e centrais de defender a dignidade humana individual é a democracia, e a liberdade em particular. Muitos pensam que o grande confronto do século XX foi entre comunismo e capitalismo. Mas não: o grande conflito moral do século XX foi entre tirania e dignidade, foi entre tirania, em todas as suas formas, e democracia e liberdade. Admito que grande parte das pessoas diga estar desiludida com a democracia, porque, no fundo, está desiludida com o modelo económico, com os sucessivos governos, de esquerda ou de direita, que foram governando em Portugal e no resto do Mundo; porque está desiludida com a forma sob a qual a democracia se foi apresentando a elas, porque está desiludida com o facto de termos todos, ou quase todos, vivido de espinha dobrada em tempos de suposta prosperidade, renegando para segundo plano aqueles que são os princípios e verdades básicas da democracia: participação dos cidadãos, envolvimento cívico e debate público constante sobre liberdade, sobre dignidade e miséria, sobre equidade (e não estou a falar aqui de sistemas igualitários, que desprezo, mas antes de equidade básica), sobre educação e saúde, sobre os problemas que nos afectam directamente, mas também sobre os problemas que não nos afectam directamente, porque democracia é também preocupação com o outro, vemos para além das nossas quatro paredes. Acredito que muita gente está desiludida com a democracia, porque aquilo a que fomos chamando democracia, ao longo dos últimos anos, esteve demasiadas vezes associada a miséria material e moral. Mas estar desiludido com a democracia em si, parece-me muitíssimo perigoso. Porque a democracia é também o único sistema que, até hoje, nos revelou ser capaz de nos proteger dessa mesma miséria. A democracia é, para mim, o sistema político da dignidade humana. Está para a vida em sociedade, como o amor, a arte, o contacto com outros e a expressão e realização pessoais estão para o indivíduo. E é por isso que é urgente começar a defendê-la.

E, finalmente, aquela que eu considero a salvaguarda mais segura da nossa dignidade: a educação. Porquê a mais segura? Porque tudo o resto pode falhar redondamente; todos os outros meios são demasiado precários para investirmos neles todos os nossos trunfos. Mas uma boa educação não falha: em situações limite aqueles que tiverem consciência histórica, social, económica, artística, científica, política e que, por isso, percebem melhor o ser humano e o mundo à sua volta, estarão, inevitavelmente, melhor preparados para proteger a sua dignidade do que aqueles que não têm. Aqueles que sabem pensar, que sabem olhar e perceber estarão mais seguros do que os que não sabem. Perguntem a qualquer pai do mundo o que é que ele quer para o seu filho e a resposta é educação. A beleza de uma boa educação é que ela é dada hoje para um amanhã que não sabemos como vai ser, mas, ainda assim, proporciona-nos as ferramentas necessárias para agirmos nele. Ninguém sabe como vai estar

o mundo daqui a 30 anos, e, no entanto, estamos a educar as nossas crianças e jovens para esse mundo: daí a importância de uma boa educação – ela tem de nos dar o contexto, a consciência e a capacidade para agir onde e como quer que estejamos. E algo que seja capaz de fazer isso, é algo que nos salvaguardará a dignidade em qualquer situação.

É, portanto, urgente, investirmos em educação: porque o mundo está a mudar, e no mercado de trabalho do século XXI já não importam as competências mecânicas e lineares do ser humano, mas antes as nossas capacidades criativas, inovadoras e orgânicas. Estamos a deixar um modelo industrial em direcção àquilo a que adoramos chamar a sociedade do conhecimento. E os sistemas de educação, em Portugal e no Mundo, precisam de acompanhar esta mudança e de se reformar. Mas precisamos também de investir em educação porque, como disse, temos a obrigação moral e secular de investir em algo que nos proteja a dignidade em situações limite, que nos dê os recursos de que precisamos para nos adaptarmos à mudança. Assim, não digo que devemos investir em educação apesar dos tempos difíceis que vivemos, mas que devemos investir em educação porque vivemos esses tempos difíceis.

Sabemos que o sistema de educação em Portugal tem inúmeras falhas e pouquíssimos recursos financeiros. E, no entanto, tive acesso a uma educação que considero excelente; e ter essa educação apesar deste contexto que referi é de louvar. Por isso, queria agradecer a todos aqueles que tive oportunidade de conhecer nestes 3 anos que tive nesta escola: aos professores excepcionais que tive, e não posso deixar de dar um obrigado muito especial à professora Isabel Vitorino por tudo o que foi e pelas excelentes aulas que deu, mas também à minha turma que, ao contrário do que a fama da juventude de hoje nos tenta convencer, gostou sempre de debater, de pensar, de ter algo a dizer, de aprender aquilo que lhe interessa e que sabe ser importante no mundo de hoje.

O Leonard Cohen, aqui há uns tempos, num discurso que fez quando recebeu o prémio das Astúrias pela sua poesia, disse que não se sentia confortável em receber um prémio pela sua poesia, porque se soubesse de onde vinha a boa poesia ia lá mais vezes. Não posso deixar de acabar sem dizer que temos todos de ser, de vez em quando, mais humildes, no sentido de respeitarmos o outro o suficiente para sairmos da nossa posição de conforto, porque só assim é que aprendemos, professores e alunos. Todos sabemos isto e todos sabemos de onde vem a boa educação, por isso, temos de ir lá mais vezes.

Ana Mafalda Fernandes – Prémio de Mérito do Ministério da Educação 2012